

“Arquitetura dos Mármore”: subsídio para o seu estudo, séculos XVI a XVIII.

Casa da Misericórdia de Arraiolos

Carlos Filipe e Joana Balsa de Pinho

Artis – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras,
Universidade de Lisboa

Considerações iniciais

A historiografia da Misericórdia de Arraiolos é parca, embora a instituição possua um espólio documental significativo. Em termos histórico-artísticos destaca-se o contributo de Túlio Espanca no seu inventário do património artístico do distrito de Évora¹ e dois contributos mais circunscritos relativos aos painéis de azulejo da igreja da autoria de Rosário Salema de Carvalho e ao antigo retábulo por Vítor Serrão². No entanto, o edifício da Misericórdia de Arraiolos destaca-se no contexto dos edifícios das Misericórdias pelas suas características artísticas.

A origem da confraria da Misericórdia é anterior a 1524 (14 abr), data da escritura de anexação do hospital do Espírito Santo à Misericórdia³. Afirma o documento que o Mestre Diogo, escudeiro e morador na vila, provedor da Misericórdia, o cavaleiro Diogo Barão e o escudeiro Manuel Martins, irmãos da Misericórdia, compareceram perante o ouvidor João Alvares e lhe disseram que sabiam que o rei concedera ao 4.º Duque de Bragança e 1.º Conde de Arraiolos, D. Jaime por seu requerimento, que nas suas vilas e lugares onde existissem con-

¹ ESPANCA, Túlio. *Inventário artístico de Portugal: distrito de Évora, concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora e Vendas Novas*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1975, vol. 1, pp. 11-13.

² CARVALHO, Maria do Rosário Salema Cordeiro Correia de. *Por amor de Deus – Representação das Obras de Misericórdia, em painéis de azulejo, nos espaços das confrarias da Misericórdia, no Portugal setecentista*. Lisboa: Tese de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. 2007.

SERRÃO, Vítor. «Uma obra desconhecida do Pintor Maneirista André Peres: As Tábuas do Antigo Retábulo da Misericórdia de Arraiolos (1603)». Callipole n.º 5/6 – Revista de Cultura, Vila Viçosa: Câmara Municipal, 1998.

³ Documento transcrito em PAIVA, José Pedro (coord.). *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*. Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, vol. 4, 2005, p. 367.

frarias da Misericórdia, estas se pudessem unir aos hospitais; estas uniões serviam “pera melhor e mais copyosamente se compyrem as obras della, se prover os pobres necesytados”. O dito ouvidor assim procedeu, ficando registada em instrumento público a referida anexação.

As obras do hospital do Espírito Santo, correram céleres, assumidas por empreitada do mestre pedreiro Jerónimo Marques na campanha (1526)⁴, durante a provedoria de Diogo Baião, com o contributo mecenático da Casa de Bragança.

A construção da Casa da Misericórdia é iniciada na segunda metade do século XVI, pois desta data parecem datar as estruturas primitivas do edifício, nomeadamente as fachadas principal e lateral, os portais e a sacristia. Foi já no reinado de Filipe I de Portugal, que foi adquirido pela mesa aos herdeiros de João Rodrigues Monteiro um terreno próximo do hospital, a fim de se construir a atual igreja, com maior desafogo e funcional. Pela documentação relativa à receita e despesa, foi possível documentar que as obras decorreram no ano económico de 1585-1586, administradas pelo mestre pedreiro Manuel Rodrigues, cabendo a este com o seu companheiro Rui Dias a feitura do portal maneirista entre 1587-1588⁵. A segunda fase da obra foi desenvolvida pelos referidos mestres nos anos económicos 1593-1594, da “*guarnição da egreja*”⁶.

O mestre de obras Manuel Rodrigues, era conhecido pela sua capacidade, para assegurar obras de dimensão, como faz notar Vítor Serrão, sobre essa figura: “*mestre das obras de pedraria de Sua Exc.^a o Duque*” envolvido então nos contratos das “*casas novas*” do Paço Ducal de Vila Viçosa, a partir de 1601 com outros companheiros, dando continuação ao projeto arquitetónico de Nicolau Frias, tendo igualmente sido chamado a outras empreitadas, providas da casa ducal, como foi o caso de Olivença para assessorar no mosteiro de Sant’Anna⁷.

O edifício sofreria obras diversas, já no século XVIII: em 1753, o revestimento azulejar; c. 1760, o remate da fachada; e da segunda metade do mesmo século, os estuques⁸.

⁴ Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *Livro de Receita e Despesa do Hospital, 1527-1528*, s/n.º fls. Encontra-se apensado neste livro um recibo da obra da capela e do seu portal, assinado pelo mestre pedreiro Jerónimo Marques. Consultar SERRÃO, Vítor. «Uma obra desconhecida do Pintor Maneirista André Peres: As Tábuas do Antigo Retábulo da Misericórdia de Arraiolos (1603)», p. 126.

⁵ Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *L.º de Receita e Despesa da Mis.ª, 1585-1586*, fl. 59 e segs.

⁶ Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *L.º de Receita e Despesa da Mis.ª, 1593-1594*, fl. 70 e segs.

⁷ SERRÃO, Vítor. «Uma obra desconhecida do Pintor Maneirista André Peres: As Tábuas do Antigo Retábulo da Misericórdia de Arraiolos (1603)», p. 127.

⁸ ESPANCA, Túlio. *Inventário artístico de Portugal: distrito de Évora, concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora e Vendas Novas*, vol. 1, pp. 11 – 13.

A Casa da Misericórdia de Arraiolos

Durante o século XVI as confrarias da Misericórdia desenvolveram uma tipologia arquitetónica própria relacionada com a ação das confrarias, com as suas devoções e quotidiano confraternal. Esta tipologia designa-se Casa da Misericórdia e define o conjunto edificado construído de raiz ou adaptado, usado com uma finalidade assistencial. As Casas da Misericórdia tornaram-se a arquitetura assistencial mais significativa no contexto português da Idade Moderna⁹.

No contexto da caracterização das Casas da Misericórdia é relevante identificar alguns elementos que pela sua constância, são elementos-chave desta tipologia de edificado, ou que fazem determinada Casa da Misericórdia se destacar do conjunto.

Um dos elementos de destaque da Casa da Misericórdia de Arraiolos é a sua fachada principal. Esta não é comum ao conjunto arquitetónico, por este apresentar volumes distintos, embora com ligações internas, mas com fachadas principais distintas e com diferente orientação. Assim, destaca-se a fachada da igreja que representa a fachada principal do conjunto, com dois registos, diferenciados por friso em cantaria, e delimitada por cunhais também em cantaria: o inferior de pano único e o superior de três panos. A partir do friso, forma-se dupla pilastra no cunhal; o portal rompe o friso e ocupa parte do segundo registo que é complementado com composição coroada por frontão triangular que enquadra parte do portal e da janela que se localiza no seu eixo e que vai servir de remate à fachada. [Fig. 1]

As fachadas principais de dois registos são uma exceção no contexto das Casas da Misericórdia e apenas se registam em Arraiolos e Cano [Fig. 2]; estas fachadas fogem ao comum das fachadas quinhentistas das Misericórdias assumindo a sua conceção, e não a decoração do portal como é comum, o valor mais erudito. É possível que este facto esteja relacionado com aspetos relacionados com a encomenda; especificamente, no caso de Arraiolos, sabemos que a mesma foi apoiada pelo Duque de Bragança.

De notar ainda que as principais alterações nas fachadas quinhentistas das Casas da Misericórdia foram ao nível da configuração do remate, tal como sucede em Arraiolos, com remate datado de meados da centúria de setecentos. [Fig. 3]

O portal é um dos elementos notáveis da fachada, sem paralelo no contexto das Misericórdias; de composição classicista e erudita, apresenta duas pilastras com fuste rusticado, encimadas por friso e frontão triangular; o friso de mármore exhibe a inscrição «DIES MEI», «TRANSIE RVNT», «DEIPARAE VIRGINI

⁹ Sobre o conceito de Casa da Misericórdia ver PINHO, Joana Balsa de. *As Casas da Misericórdia: as confrarias Da Misericórdia e a arquitetura portuguesa quinhentista* [Texto policopiado]. Lisboa: [s.n.]. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa. 2012.

MISERICORDIARVM / Q. REGINAE D», cuja tradução se pode fixar em “Os meus dias passaram [dedicado/a] à Mãe de Deus, Virgem das Misericórdias q. (?) e Rainha d. (?)”. [Fig. 4 e 5]

Relativamente à planimetria da igreja, a Casa da Misericórdia de Arraiolos parece registar alterações à planimetria primitiva, que nem sempre foi possível identificar com certeza. Em Arraiolos, tal como na Lousã, em Montemor-o-Novo, na Golegã, em Seia, em Tomar e em Vouzela, a planta foi alterada por campanhas de obras setecentistas em elementos essenciais: transição da nave para a capela-mor; não sendo possível determinar se tinha cruzeiro elevado e que capelas constituíam a cabeceira e se eram inscritas ou profundas. Para Arraiolos, alguns autores consideram que o cruzeiro corresponderia à primitiva cabeceira e que esta era composta por capela-mor e duas capelas laterais sobre o cruzeiro¹⁰. Efetivamente, a cornija sobre os arcos das capelas laterais e nave está interrompida junto ao capitel e cornija do atual arco triunfal e apresentam morfologias distintas; de igual modo, a configuração da atual cabeceira é pouco comum e indicia uma alteração ao projeto primitivo, nomeadamente a abertura de uma capela-mor profunda. [Fig. 6]

No interior das igrejas das Casas da Misericórdia destaca-se sempre a tribuna dos oficiais; este era um equipamento paradigmático destes espaços, atribuindo-lhe uma identidade própria. Podia assumir diferentes morfologias – vão rasgado na parede da nave ou capela-mor, cadeiral ao nível do pavimento ou estrutura suspensa num dos alçados da nave – e servia para os oficiais anualmente eleitos para o governo da confraria assistirem às celebrações litúrgicas; por isso, assumia-se como um equipamento de diferenciação social. Em Arraiolos temos uma tribuna cadeiral, localizada na nave, com a cadeira do provedor individualizada pelo uso de elementos diferenciadores; contrariamente ao que acontece na maioria dos casos, não apresenta uma guarda a delimitá-la, possivelmente por alterações à configuração do equipamento. [Fig. 7]

Outro elemento de destaque no interior da igreja da Casa da Misericórdia de Arraiolos, é o extenso programa azulejar que cobre as paredes da nave, onde se encontram composições narrativas representando as “Obras de Misericórdia”, assim como as figurações da “Fé”, “Esperança” e “Justiça”, amplamente estudadas por Rosário Salema de Carvalho¹¹. Apesar de ser um tema iconográfico inerente a estas confrarias, não foi o mais representado em contexto artístico, nem mesmo em azulejaria de que subsistem apenas dezassete conjuntos. [Fig. 8]

¹⁰ ESPANCA, Túlio – *Inventário artístico de Portugal: distrito de Évora, concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora e Vendas Novas*, vol. 1, p. 12.

¹¹ Sobre a representação das “Obras de Misericórdia” em azulejaria ver CARVALHO, Maria do Rosário Salema Cordeiro Correia de. *Por amor de Deus – Representação das Obras de Misericórdia, em painéis de azulejo, nos espaços das confrarias da Misericórdia, no Portugal setecentista*.

Sobre a encomenda do conjunto de painéis, ficou-se a saber pela documentação, o nome do mestre Joaquim Gomes, azulejador da cidade de Lisboa a quem foi entregue a produção da encomenda¹².

Também na igreja encontramos os vestígios do primitivo retábulo da Misericórdia, em pintura quinhentista sobre tábuas; constituía-se como um retábulo historiado, com múltiplos painéis, de que subsiste um painel com a representação de “Nossa Senhora da Misericórdia” e outro com a “Lamentação de Cristo morto”, colocados a adornar as fachadas laterais da capela-mor; e o painel da “Visitação”, reutilizado como figuração central no novo retábulo tardo-barroco. [Fig. 9]

Acerca do primitivo retábulo da igreja, sabe-se por Vítor Serrão, que fez parte de uma encomenda, num período áureo da pintura produzida no Alentejo entre o século XVI e o primeiro terço do século XVII, em modelos estéticos importados do Maneirismo italiano. Deve-se à existência de dois centros oficinais instalados em Évora e Vila Viçosa, de mestres de enorme erudição, correspondendo ao incremento de um mercado artístico instalado na região, como terá sido a Casa de Bragança. No caso da igreja da Misericórdia de Arraiolos o antigo retábulo dispunha de seis tábuas do pintor Maneirista André Peres, um artista ligado à casa ducal brigantina do Duque D. Teodósio II, pinturas executadas no ano de 1603. Os seis painéis sobre madeira de carvalho que atualmente adornam o espaço da igreja e de outras dependências da Casa da Misericórdia de Arraiolos, representam os temas religiosos de “Nossa Senhora da Misericórdia”; “Calvário”; “Cristo Deposto da Cruz”; a “Adoração dos Pastores”; a “Visitação” e a “Apresentação do Menino no Templo”. Segundo aquele autor “constituem um muito interessante testemunho artístico dessa época que decorre entre o declinar do século XVI e alvares do XVII, coincidência com a dominação política da União Ibérica, coincidente com os valores tridentinos da *pittura senza tempo* e da *Contra-Maneira tridentina*”¹³.

Relativamente à configuração da cobertura interior da igreja, é possível que esta tenha sido sempre em abóbada de berço. Muitos dos exemplares que apresentam abóbadas, independentemente da sua tipologia, aparecem com os alçados exteriores contrafortados; dito de outro modo, os edifícios contrafortados apresentam coberturas em abóbada. Isto é válido para as abóbadas de nervuras em

¹² Sobre o mestre azulejador, consultar o artigo de MENDES, Rui Manuel Mesquita. “Companhias de azulejadores e de pintores de azulejos activas em Lisboa entre 1757 e 1773: novos contributos para o estudo da produção de azulejos no período pombalino”. Lisboa: In *ARTISON* 6. 2018, pp. 45-59; CARVALHO, Maria do Rosário Salema Cordeiro Correia de. *Por amor de Deus – Representação das Obras de Misericórdia, em painéis de azulejo, nos espaços das confrarias da Misericórdia, no Portugal setecentista*. Idem, pp. 145-170.

¹³ SERRÃO, Vítor. “Uma obra desconhecida do Pintor Maneirista André Peres: As Tábuas do Antigo Retábulo da Misericórdia de Arraiolos (1603)”. *Callipole* n.º 5/6 – *Revista de Cultura*, Vila Viçosa: Câmara Municipal, 1998, pp. 123-140.

nave única como em Ferreira do Alentejo ou em três naves como em Santarém e para as abóbadas de berço como a Évora e Arraiolos. [Fig. 10 e 11]

Do património artístico da Misericórdia de Arraiolos destaca-se ainda os conjuntos de varas dos oficiais que é um objeto específico no contexto da Misericórdias e cuja sobrevivência atesta o cuidado posto na conservação de tão frágil equipamento. [Fig. 12]

O edifício da Misericórdia de Arraiolos mantém, igualmente, uma sacristia quinhentista, de planta retangular e abóbada de nervuras suportadas por mísulas e bocetes em cantaria, que lhe atribui uma feição medievalizante. Este tipo de cobertura foi muito comum em diversos edifícios de Misericórdias alentejanas construídas na segunda metade do século XVI; uma reminiscência das construções medievais, mas agora com uma estética desornamentada, nomeadamente optando pelo perfil quadrangular das nervuras e pela geometrização das mísulas de suporte que nos remetem para o gosto vigente na segunda metade da centúria de quinhentos. Destacam-se, igualmente, os exemplos das Casas da Misericórdia de Evoramonte, Ferreira do Alentejo e Messejana (primitiva).

Um outro dado relevante, no contexto da Misericórdia de Arraiolos é o facto de como o seu património artístico pode ajudar a compreender a circulação de modelos ao nível da produção arquitetónica das Misericórdias; esta realiza-se segundo dinâmicas locais ou regionais, e tem por base objetos artísticos fora do contexto das confrarias.

Alguns edifícios das Misericórdias acusam a nível compositivo, morfológico e decorativo influências do que se produzia na localidade ou região, quer por questões de gosto, quer pela utilização da mesma mão de obra, quer por influência do encomendador, integrando-se numa dinâmica artística local.

Este fenómeno pode ocorrer geralmente a nível local, quando dentro de uma vila ou cidade, o edifício apresenta elementos que remetem para influências de outros existentes na mesma localidade; ou regional, quando existem elementos que se verificam numa determinada zona geográfica. Este tipo de influência pode verificar-se em vários âmbitos: planimetria, organização da fachada, coberturas, organização dos alçados laterais, portal e materiais.

No caso de Arraiolos, é digno de nota a marmórea balaustrada do púlpito, que é semelhante à balaustrada do coro e guarda da escada da Casa da Misericórdia de Borba, e à guarda do púlpito da matriz de Vila Nova da Baronia.

A presença dos mármore na Igreja da Misericórdia de Arraiolos

A presença de mármore oriundos da lavra das pedreiras da região de Borba, Estremoz e Vila Viçosa nas Casas da Misericórdia, tem sido uma área de investigação que tem conhecido poucos avanços. No entanto, deparamo-nos com uma realidade que merece ser destacada pela dimensão da sua utilização, quer

enquanto elemento perene da arquitetura e do ornato, quer enquanto equipamento funcional ou, através da sua simbólica representação, solenidade e riqueza.

De facto, como já referido, comprova-se a utilização de mármore, vindos daquelas pedreiras, aplicados no exterior e interior da igreja da Misericórdia de Arraiolos, como a documentação revela pelos carretos de pedra, cal e outros materiais.

A, já aludida neste artigo, fachada da igreja apresenta uma composição classicista, onde se destaca a portada constituída por arquitrave, friso e frontão angular. O friso, em forma de caixa granítica, recebeu uma banda de mármore embutida, com uma inscrição entre duas caveiras com túbias, símbolo da morte, na qual a Misericórdia proporciona o conforto espiritual; consideramos tratar-se de um caso único, por não se encontrar outro exemplo idêntico de utilização desta simbólica em fachadas das Casas da Misericórdia. A caveira e ossos são o símbolo das catorze Obras de Misericórdia, as quais fazem parte integrante da fundação das Santas Casas, por vontade da sua instituidora, a rainha D. Leonor. A última das Obras Corporais, consiste na obrigação de enterrar os mortos.

Pela investigação de Vítor Serrão, estamos convictos que a banda em mármore terá sido talhada pelo prestigiado mestre pedreiro Manuel Rodrigues ou por algum dos seus companheiros, que mantiveram a confiança do duque D. Teodósio II para intervir na igreja da Misericórdia de Arraiolos, com o seu apoio mecenático.

No interior da igreja, vamos encontrar dois equipamentos talhados em mármore, um púlpito na nave da igreja, destinado à proclamação da palavra, e outro, um conjunto constituído por um lavabo e pias de água benta.

Púlpito

O púlpito surge e difunde-se na Idade Média avançada, servindo o propósito da pregação aos fiéis. Seguindo os princípios e orientações determinados pelo Concílio de Trento (1545-1563)¹⁴, como as *Constituições Sinodais*¹⁵, veio a ser

¹⁴ VAVASSEUR, R. P. Le. *Ceremonial Romano*. Lisboa: Typographia do Diário da Manhã, 1884.

¹⁵ FILIPE, Carlos; Maria João Pereira Coutinho e Patrícia Monteiro. “O apogeu do mármore no Alto Alentejo: equipamentos da arquitetura religiosa no século XVIII”. In *Mármore 2 000 anos de História. Contributo dos Mármore do Alentejo para afirmação das Artes*, AA. VV. (coord.), vol. III. Coimbra: Edições Almedina. 2022, pp. 343-355; MARQUES, João Francisco. “As formas e os sentidos” e “Rituais e manifestações de culto”. In *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Carlos Moreira Azevedo (dir.). Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, pp. 449-515 e 517-601.

enquadrado na renovação do espaço da igreja, contemplando a melhor localização dos programas laudatórios da época. O púlpito – composto por três partes (balcão, espaldar e sobrepujado por um guarda-voz ou baldaquino), com acesso por uma escada – instala-se num lugar estratégico, próximo da assembleia de fiéis, tal como acontecia em tempos mais recuados nos lugares sagrados de Portugal. Integrados nos paramentos murários da igreja, preferencialmente do lado do Evangelho, também se encontram no lado da Epístola, ou mesmo em ambos os lados de frente a cada um¹⁶. Em muitos outros casos, também é possível encontrá-los adossados a outras estruturas, como as colunas da nave, e em materiais como a madeira, o ferro ou a pedra. Entre as Casas da Misericórdia no Alentejo, predominam os púlpitos com utilização de mármore e calcários.

No decorrer dos séculos XVII e XVIII, na região do Alentejo, a arquitetura religiosa vai privilegiar nos púlpitos a utilização dos materiais pétreos, como os mármore, e em muitas igrejas, vai mesmo dar lugar à substituição de outros materiais até aí utilizados, embora ainda se encontrem em madeira ou balcão de feragem.

Importa sublinhar que a produção dos púlpitos é antecedida de uma evolução do século XVI, com bases circulares ou semicirculares em mármore ou calcários, com a inclusão de balaústres nos balcões ou, simplesmente, caixas fechadas. Durante o século XVII evoluíram para uma planta quadrangular, ou mesmo retangular, persistindo, em algumas igrejas, idênticas soluções de balaústres nos balcões, tais como nos casos das igrejas da Misericórdia de Alandroal, de São Pedro de Terena ou de Santo António de Borba, entre outros, variando no que se refere ao remate superior ou mesmo suprimindo a existência de guarda-voz, constituindo assim um núcleo de estudo¹⁷. [Fig. 13]

Não foi possível encontrar informação sobre a autoria do púlpito da igreja da Misericórdia de Arraiolos, no entanto, apraz-nos destacar que é um equipamento produzido em mármore, do século XVII, de planta circular, linhas estriadas, balcão e balaústres, em dissonância de um modelo devedor dos cânones quinhentistas. Integrado na obra de revestimento azulejar datável de 1753, pressupondo a sua pré-existência, uma vez que o autor daquele conjunto, o mestre lisboeta Joaquim Gomes, concretizou a ideia de adaptação e remate superior, que mimetiza o que seria uma solução de pendor joanino para o local de acesso a este equipamento.

¹⁶ RIGHETTI, Mario. *História de la liturgia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1955; ROCCA, Sandra Vasco, Natália Correia Guedes (coords.) *Thesaurus, Vocabulário de Objectos do Culto Católico*. Vila Viçosa-Lisboa: Fundação da Casa de Bragança e Universidade Católica Portuguesa, 2004.

¹⁷ Consultar Maria João Pereira Coutinho. Púlpitos. “O apogeu do mármore no Alto Alentejo: equipamentos da arquitetura religiosa no século XVIII”. Idem, p. 345.

Lavabo de sacristia

Sobre o interessante lavabo produzido em mármore, existente na sacristia da igreja da Misericórdia de Arraiolos, importa começarmos por destacar alguns aspetos relacionados com estes equipamentos funcionais ao serviço dos eclesiásticos.

A partir do século XVI, as sacristias em Portugal tornam-se um sumptuoso elemento no domínio das artes, criadas nas dependências anexas às igrejas e seguindo a nova conceção da arquitetura desses edifícios. É nestes espaços, ornados com altares, telas, pinturas murais, imagens religiosas, armários e arcazes, que se guardam as alfaias e os paramentos litúrgicos.¹⁸ Na sacristia tudo ganha um particular significado: é onde o sacerdote se paramenta de acordo com a liturgia do momento, se prepara em recolhimento espiritual, inicia as orações e se purifica na fonte de água, aqui representada em fontes e lavabos.

Na realidade, com a Contrarreforma o lavabo passou a constituir, dentro do espaço da sacristia, um elemento central pela sua ligação à água enquanto meio de purificação e ao que ela representa na simbologia dos atos sacramentais do povo de Deus. Ainda hoje, nas igrejas e conventos extintos da região do Alentejo, existem exemplares de fontes e lavabos que se podem considerar um conjunto singular pela sua variedade artística.

O estudo sobre a existência de fontes de água ou lavabos no espaço religioso e, em particular, na sacristia em Portugal, é recente e tem levado os investigadores a colocar várias possibilidades de análise sobre a sua unidade enquanto elemento integrado, no contexto dos restantes equipamentos que compõem o espaço arquitetónico.

A propósito do tema, Cátia de Sousa Branco chama a atenção para o facto de que “o estudo das sacristias, em geral, se encontra numa fase incipiente, mesmo no plano da historiografia internacional”.¹⁹ Com efeito, não identificámos qualquer estudo sistematizado sobre o tema da presença destes equipamentos em espaços religiosos, com exceção de alguns casos concretos, no âmbito do conjunto da arquitetura das igrejas ou antigos conventos. Contudo, nos últimos anos, tem vindo a ser realizada uma primeira abordagem de inventário e reflexão sobre este

¹⁸ Costa, J. Almeida e A. Sampaio e Melo. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 5.^a edição, Dicionários “Editora”. Porto: Porto Editora, 1977, 1268: “**Sacristia** – casa contígua à igreja onde se guardam os paramentos sacerdotais, utensílios de culto, e onde se paramentam os sacerdotes; rendimento da igreja”.

¹⁹ BRANCO, Cátia Cristino Correia Teles. “A sacristia e a encomenda episcopal portuguesa no período da reforma Católica: o caso da Sé de Coimbra e o patrocínio do bispo D. Afonso de Castelo Branco”. Tese de Doutoramento, Lisboa: FCSH – Universidade Nova de Lisboa. 2013, p. 2.

tipo de equipamentos em mármore, que espera abrir novos horizontes sobre esta temática específica²⁰.

A preocupação com o asseio dos sacerdotes, carregada de simbologia, e alargada a todas as alfaías litúrgicas, como os têxteis, vidros, metais e outros bens sumptuários, justificou, como é por demais conhecido, o aparecimento de um número significativo de objetos ligados à purificação. De entre eles destacou-se o lavabo, peça composta por bacia e respaldo, que esconde no seu interior um reservatório de água. Para além dos lavabos, teremos de nomear, também, a existência de piscinas, bacias e outros reservatórios, que floresceram no seio dos templos e consubstanciaram a ideia de uma igreja imaculada, como Trento proclamara.²¹

Em consequência do Concílio de Trento²² foram tomadas decisões no sínodo Diocesano de Évora que teve lugar naquela cidade a 1 de maio de 1569,²³ cuja publicação consta nas *Constituições do Arcebispado* datadas de 1622 [Fig. 14], em pleno reinado filipino. Embora não existissem referências diretas a lavabos nas referidas constituições, era clara a determinação para o bom cumprimento do asseio com os paramentos, alfaías, toalhas de altar e os cuidados que os sacerdotes deviam ter nas abluções, como se constata no capítulo intitulado *Título XVI – Dos ornamentos do altar e de como se ande a limpar, prover, servir e concertar os altares e Igrejas*.

²⁰ FILIPE, Carlos; Maria João Pereira Coutinho; Patrícia Monteiro. *ARS MARMORIS. Equipamentos da Arquitetura Religiosa no Alto Alentejo*, (exposição virtual). 2021. www.marmore-cechap.pt.

Filipe, Carlos; Maria João Pereira Coutinho e Patrícia Monteiro. “Los Mármoles del Alto Alentejo en el Patrimonio Religioso del Siglo XVIII”. In *La Piedra en el Patrimonio Monumental*, (coord. Eduardo Azofra Agustin). Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. 2022, pp. 191-203.

<https://doi.org/10.14201/0BCL011191203>

²¹ COUTINHO, Maria João Pereira. “Mobiliário litúrgico pétreo no contexto do barroco português: tipologias e funcionalidades”. In *Revista de Artes Decorativas*, n.º 6 (2012): (47-67), 52-53. <https://doi.org/10.34632/revistaartesdecorativas.2012.2058> (acedido em 11 out. 2020).

²² O Concílio de Trento foi realizado entre 13 de dezembro de 1545 a 4 de dezembro de 1563. GOUVEIA, António Camões, David Sampaio Barbosa e José Pedro Paiva (coords.). *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos*. Estudos de História Religiosa 17. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa /Centro de Estudos de História Religiosa, 2014.

²³ Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (APNSCVV) – Burgos, André de, e Jofeph de Mello. *Constituições do arcebispado De Evora originalmente feitas por mandado do Illuftrissimo & Reuerendissimo fenhor dom Ioaõ de Mello Arcebispo do dito Arcebispo*. Madrid: Por Tomas Ivnti, Impreffor da Corte de fua Mageftade, 1622, fl. 85.

Mandamos, que aja corporaes em abaftança, ao menos pero cada altar dous, q eitem fempre, afsim no altar como fora, muito bem dobrados; & quando os lauarem purifiquefe primeiro co a patana muito bem, & fejaõ todos dolanda, ou lenço delgado & aluo, & em nenhua maneira fejaõ dalgodaõ, nem doutro pano. E todoslos calezes tenhaõ fanguinhos, & ponhafe cada Domingo hum pano lauado que efte pendurado no cabo de cada altar da Igreja, em que o Sacerdote alimpe os dedos que lava quando há de entrar aa facra, & depois da communhaõ pera alimpar as mãos a elle. E cada Domingo fe ponha na famchriftia hua toalha dauada de linho, ou eftopa de duas varas em comprido, que efte pendurada, em que os Sacerdotes alimpem as mãos quando as lauam para dizer Miffa, & também os ministros que lhe hão de ajudar, e tudo a cufta dos fobreditos. E no dito tempo, & pela maneira, & fob as penas acima conteudas de duzentos reis²⁴.

Podemos, assim, deixar demonstrado que o lavabo ou fonte da sacristia, se destinava a diversos fins da purificação: não só à ablução dos sacerdotes (antes e depois da celebração dos ofícios religiosos), mas também ao asseio e purificação das alfaia de culto, paramentos e toalhas utilizadas nos altares das igrejas.

O lavabo ou fonte de sacristia existente na igreja da Misericórdia de Arraiolos, é um exemplar do primeiro quartel do século XVII, de pequenas dimensões, talhado em mármore branco, constituído por três partes – o espaldar triangular, o reservatório de água com uma torneira metálica e uma bacia pouco prenunciada – desconhecendo-se a autoria por falta de documentação. [Fig. 15]

Pias de água benta

Neste grupo, identificámos três pias de água benta, de dimensões e estilos distintos, produzidas em mármore branco e creme.

Colocadas no espaço da nave da igreja e na entrada da sacristia, adossadas às paredes próximas da entrada, estas pias destinavam-se à água lustral com que os fiéis se benzem.

Trata-se, certamente, de encomendas diferenciadas, todas anteriores ao revestimento azulejar. Podemos, inclusive, estar perante um caso de reutilização de alguma das pias, recuperada de outro lugar e que terá sido aproveitada para esta igreja. De facto, datamos a pia de água semicircular com um rebordo e linhas estriadas, do século XVII, aproximando-a do trabalho de cantaria do púlpito [Fig.

²⁴ Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (APNSCVV) – Burgos, André de e José de Melo. *Constitvyções do arcebispado De Evora originalmente feitas por mandado do Illuftrifsimo & Reuerendifsimo fenhor dom Ioaõ de Mello Arcebispo do dito Arcebisfado*. Madrid: Por Tomas Ivnti, Impreffor da Corte de sua Mageftade, 1622, fl. 46.

16]. As outras duas, trata-se de uma pia em forma de vieira, de produção medíocre [Fig. 17] e de uma pia cilíndrica, aparelhada [Fig. 18]

Tampas tumulárias em mármore

Finalmente, destacamos o maior grupo de mármore aplicados no interior da igreja, que diz respeito às tampas tumulárias, datadas de entre o final do século XVI e o século XVIII.

O interior da igreja era espaço de sepultura para todos os que pediam e que tinham essa possibilidade económica, uma vez que não era igualitário o lugar onde todos pudessem partilhar da mesma condição. Também aqui somos confrontados com o estatuto na morte quando, como na vida terrena, as hierarquias se preservam. Por isso, encontramos no interior das igrejas, campas tumulares, umas dotadas de maior aparato, outras apenas com inscrições que permitiam conservar a memória dos falecidos. Como se verificará, o espaço da igreja da Casa da Misericórdia de Arraiolos destinou-se a padroeiros, comendadores, religiosos e a outros membros da sociedade que, possuindo bens em quantidade suficiente, tomavam a iniciativa de fazer as petições ao Provedor e restante Mesa, para que os seus corpos e os corpos dos seus descendentes viessem a ser enterrados no corpo da igreja, pertença da Irmandade da Misericórdia.

O espaço ritual fúnebre, ocupa uma prática particular no enterrar dos mortos. Nas catorze Obras de Misericórdia – sete corporais e sete espirituais, destinadas à prática de ações caridosas – conferia-se grande significado à prática de enterrar os mortos e à oração pelos vivos e defuntos. Especificamente, duas Obras de Misericórdia, uma espiritual e outro corporal, configuram-lhe grande significado.

Raros são os casos, da existência entre as misericórdias portuguesas, da instalação de uma confraria com a missão de prestar o serviço fúnebre aos seus confrades e aos pobres falecidos no hospital da Misericórdia. Um desses exemplos é a Casa da Misericórdia de Elvas, com a instalação da Confraria de Nossa Senhora do Amparo que recebeu a confirmação pontifícia por uma Bula do Papa Sisto V, com estatutos datados de 10 de setembro de 1592. Desde a sua fundação, o primeiro objetivo da confraria era enterrar os mortos, estabelecendo a obrigação de todos os irmãos comparecerem ao funeral dos confrades. Mas, ao longo dos séculos XVII-XIX, a confraria vai ficar com obrigação do enterro dos pobres falecidos no hospital da Misericórdia de Elvas²⁵.

A partir de 1593, altura em que a Misericórdia de Lisboa alcançou o privilégio de enterrar os mortos nas suas tumbas, o mesmo se passou com todas as restantes

²⁵ FILIPE, Carlos. *A Misericórdia de Elvas: Memórias do século XX*. Elvas: Regiset Artes Gráficas. 2016, pp. 317-321.

Casas da Misericórdia da metrópole e do império²⁶. A reforma do compromisso de 1618 fez desaparecer o capítulo destinado aos enterros dos irmãos, para dar lugar a um outro que abarcava todos os enterramentos.

O enterramento no espaço da igreja, constituiu uma interessante fonte de receitas para as misericórdias, embora os encargos que receberam sob a instituição de legados, muitas vezes fossem um enorme carregado de obrigações.

No livro de Tombo das Rendas e Capelas da Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos, é descrita uma determinação aprovada em cabido pelo provedor e mais irmãos, datada de 1590, sobre as preocupações de espaço e as condições futuras de sepultar, tendo em conta os fracos recursos da Casa e a necessidade de promover obras avultadas²⁷:

Em os vinte e sinquo dias do mês de Marsso do anno de mil e quinhentos e noventa annos em a Villa de Arrayollos na caza da Mizericordia de ella estando Juntos em cabido Gaspar de Arres provedor do ditto anno e Irmãos que com elle servem e assim o provedor e Irmãos do anno passado Reeilleitos os quais todos Juntos tratarão o modo que se avia de ter sobre as sepulturas que algumas pessoas pedião nesta Santa caza; e loguo todos Juntos asemtarão que por quanto a caza era muito pobre e tinha muitas obras para fazer que pera ajuda de ellas se dessem sepulturas por esmola certa e por que também a Igreja era pequena e em breve tempo se poderia todar peiar [sic] não avendo hordem e por que os parseres dos ditos Irmãos na quantia por que se avião de dar as ditas sepulturas erão deferentes; o dito provedor e todos e cada hum per sim thomousse os vottos com a solinidade devida e pellos mais aserqua disto e de outras couzas asemtarão o seguinte:

1) Que na Capella Maior que se entende de frente do altar antre os arcos senão desse sepultura a pessoa allqua; e se tivesse a hordem do Compromisso da Mizericordia da Cidade de Lixboa e sendo pedida por allqua pessoa se lhe não possa dar senão com o pareser do provedor e Irmãos Reilleitos do anno passado pera verem se a tal pessoa o meresse e pera isso faz esmola pera a Santa Caza conveniente.

²⁶ ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. “Rituais fúnebres nas Misericórdias portuguesas de setecentos”. *Fórum* 41. Braga: Universidade do Minho, Conselho Cultural. 2007, pp. 5-22. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8826/1/Rituais%20f%C3%B3rums%20nas%20Miseric%C3%B3rdias%20portuguesas%20de%20Setecentos.pdf> Consultado 12-06-2020

²⁷ Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos: Livro do Tombo das Rendas e Cappellas da S. Cassa da Misericordia da Villa de Raiolos. Arraiolos, 1644.

2) *Que nas Ilhargas da ditta Cappella dos arcos pera dentro que fiquão a porta do tizouro e caza que corre a fasse da Rua possão os Irmãos que servirẽm dar seputlruas e lugar para campa a qual quer pessoa que for para isso por sem cruzados em dinheiro para a ditta caza ou eranssas que os valhão.*

O provedor e mais irmãos, reunidos em 6 de novembro de 1617, procuraram clarificar uma determinação anterior sobre o costume estatutário para os enterramentos na igreja: *“anno prezente e s da menza passada de seiscentos e quinze por estar confuso e em contrado com o custume o estatuto no trisseiro capítulo que trata dos enterramentos que dis que paguara qualquer pessoa que se emterar no corpo da Igreja sem sepultura própria aquilo que por sua devassão quizer. E porque o custume era pagar cada pessoa que na ditta Igreja da Misericordia se emterasse quinhentos Reis, e porque não avia regra certa entre o estatuto e o costume pareseo bem ao provedor e Irmãos asima declarados e abaixo assinados que se divia de delcarar o que avião de pagar das covas honde fossem emterradas as pessoas que não fossem Irmãos de numero como so que servirem actualmente na menza”*.

Pelo interessante documento, sobre normas e deveres a seguir pelos provedores e restantes irmãos da Casa da Misericórdia para o enterramento das pessoas no espaço da igreja, constata-se que os critérios eram semelhantes às restantes práticas instituídas, a partir da Misericórdia de Lisboa²⁸:

Asentarão por muitas razois que se moverão que toda a pessoa que se enterrar no corpo da Igreja não sendo Irmão do numero pague quinhentos réis, não tendo sepultura própria que sendoo pagara conforme o estatuto que sobre isso esta feito: E os Irmãos que forem de Numero pagarão somente duzentos e cinquenta Reis por cova e da emsma Maneira pagarão por sua mulher e filhos não chegando aquatorze annos e no mais se entendera conforme o estatuto passado. E declararão mais que todo Irmão que atualmente servir na menza e Deos o levar naquele anno que nella servir lhe darão cova no corpo da Igreja sem campa para ele molher e fillhos de grassa e querendo sepultura própria lha darão conforme estatuto feito sobre as sepulturas as folhas 271

E decalrarão que os Irmãos do numero e molher e filhos de qualquer Idade que seia pagarão duzentos e sinquoenta Reis por cova e por assim o as-sentarem por vottos assinarão em menza como consta do termo atras Re-ferido folhas 175.

4) *Que nomeio da ditta Igreja da porta da travessa diguo da porta travessa ate a parede da outra parte sempre fique huma hordem de covas somente*

²⁸ Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos: Livro do Tombo das Rendas e Cappellas da S. Cassa da Misericordia da Villa de Raiolos. Arraiolos, 1644, fls. 370-375.

na qual não poderão dar a pessoa alguma sepultura própria porque em-chendosse a ditta Igreja de sepulturas fique aquele lugar despeiado para o que ao diante soseder.

5) Desta hordem de covas que para sima ate as escadas e mainel [sic] aentarão não se devem sepulturas se não aos Irmãos desta caza ou suas molheres e filhos os quais darão de esmola para a ditta caza cincoenta cruzados como esta ditto.

6) Que desta hordem de covas do meio para baixo pera a porta principal possão dar sepulturas a quem as pedir posto que não siam Irmãos paguan-do por hem outros sincoenta cruzados assim como os Irmãos como no capítullo presedente se declara.

7) O mesmo poderão os Irmãos que servitrem dar peultura no tavolleiro que fica a pota da ditta Igreja as pessoas que as quiserem por des cruza-dos de esmola para a ditta caza.

8) Assim hordenarão que falecendo qualquer Irmão ou molher de Irmão se acompanhe com a Irmandade como são obrigados e que fazendo se lhe officio de seu enterramento os ditos Irmãos serão obrigados a estar ao ditto officio todo tendo o corpo do defunto na tumba ate o fim deelle.

9) Que no ditto dia ou outro seguinte se lhe mande dizer na ditta caza da Mizericordia huma missa Razada em lugar do officio que se lhe devia fazer tendo a caza possibilidade para isso.

10) Estando assim Juntos os ditos Irmãos assim deste anno prezente como os Reytleitios do passado por lhes pareser que o presso de sincoenta cru-zados era grande tornarão a praticar sobre o cazo para o que o ditto provedor tornou a thomar vottos do presso que se avia de levar pellas sepul-turas do Corpo da Igreja pello modo que atras fica declarado a saber da hordem de covas do meio de ella para sima os Irmãos, e pera baixo pera todos, e pellos vottos se vio que se não levasse mais que des mil Réis assim aos Irmãos no seu lugar como aos que o não forem no seu lugar que e do meio para baixo os quais dez mil Réis asemtarão que se tomassem em renda bens de Rayis ou em dinheiro como o dono da sepultura o der.

11) Asentarão que esses dez mil Réis se aseitem como ditto he com tanto por hum que acabadas as obras desta caza os Irmãos que antão forem serão obrigados em pregar este dinheiro em Renda para esta caza pera se gastar com os pobres de ella.

12) E assim mais assentarão que por quanto ate agora os Irmãos desta Con-fraria erão muito Rimissos e negligentes enão terem balamdraos como são obrigados para comprir com suas obrigassois asemtarão que todos os Irmãos do numero desta caza herão obrigados todos a ter seus balandraos ate dia de Nossa Senhora da Vizitassão e pera este efeito o ditto provedor mandou por hum Irmão da menza notificar o ditto tempo se risguarao todos os Irmãos que isto não comprirem salvo se forem tão pobres que não possão comprar bal-andrão e o que tal for se venha a esta caza e ella lho mandara dar

13) *Declararao mais aserqua das covas que os que as thomarem serão obrigados a por campa nellas dentro em hum anno e não na pondo no ditto tempo o provedor e Irmãos poderão fazer della o que quiserem.*

14) *Que nas ditas campas não seião nem serão mayores que passem o meio estremo para outra cova.*

15) *Que toda a pessoa que tiver cova própria com sua campa com literiro não tendo desendentes por linha direita o provedor e Irmãos poderão fazer della o que quiserem não lhe tirando a ditto campa nem o litreiro que tiver posto nem lhe poderão por outro; pera efeito e firmeza mandarão fazer este assento de estatutos em que todos assinarão assim os da menza presente que no anno atras referido servirão com os Reyleitos.*

16) *Sendo aos quatro dias do mês de Novembro de mil e seis centos e hum sendo presentes em menza o provedor e Irmãos mandarão chamar a Irmandade do anno atras sendo outro sim presentes o provedor lhes praticou a devida da esmola que se lhe avia de dar por emterarem na Irmandade qual quer pressoa que Irmão não seia e parecendo bem que neste particular ouvesse limite sobre ello se thomou vottos pareseres e assento e em resullusão assentarão que toda e qualquer pessoa que não for Irmão da caza querendo ser levada a sepultura na Irmandade de de esmolla pera a Irmandade ao menos mil e quatro centos Reis e que assim se fizesse pera todo sempre, com declaração que este assento se não entende nas pessoas exceptuadas no comprimisso.*

17) *Asentarão o provedor e Irmãos que toda a pessoa que esta Irmandade levar a sepultura e levar emxoval allem da esmola atras referida no capitullo antecedente dará mais de esmola mil reis e se lho tornara a dar o enxoval.*

18) *Asentarão em menza o provedor e Irmãos que servirão o anno de sies centos e três com os Irmãos Reylleittos do anno atras que avendo Respeito a pouqua quantidade do numero de Irmãos que há nesta Irmandade forão de pareser depois de se tomar assento e vottos que somente os illeitores que servirem hum anno de Reitores não possão servir o outro anno loguo seguinte e o escrivão e capelão não tomarão votto senão conforme este capitollo de que tudo se fez termo de estatuto no tombo as folhas 276.*

19) *Aos seis dias do mês de Janneiro de seiscentos e treze annos nesta villa de Arrayolos na Mizericordia della estando iuntos em menza o Provedor e mais Irmãos e a Irmandade do anno atras e iuntos todos asentarão que convinha aver numero serto da Irmandade por escuzas algumas duvidas e confuzoes que na ditto Irmandade hião*

Das campas tumulares de mármore, Túlio Espanca identificou um conjunto datado da última década do século XVI ao século XVIII, fazendo uma descrição das famílias mais importantes: armas dos Vilalobos, Almeidas, com timbre – Al-

meidas; uma campa com brasão de armas de interessante paquife: Santiago a cavalo marchando para a esquerda, com elmo para a esquerda com três penachos; uma campa sem timbre, com cabeça de touro saindo do lado direito, e do esquerdo um braço com uma espada na mão²⁹. [Fig. 20, 21 e 22]

Pelos registos do livro do *Tombo*, foi possível identificar algumas das campas tumulares, registadas em reunião de mesa, onde consta a petição, local da sepultura, a esmola entregue e a quem se destinava: sepultura de *Custodio de Vilalobos de Almeida* aos 18 de junho 1645; no mesmo ano as sepulturas de *Manoel Rodrigues de Santhiago*³⁰; de *Manoel Lares o velho e de seu irmão o Padre Gaspar Lares*³¹; sepultura de *Dominguos Pires Guodinho Maltes d'alcunha*, aos 29 de junho de 1639; sepultura de *Francsico Vieira da Cunha* a 1 de janeiro de 1613; sepultura de *Fellipe do Cazal netto* aos 2 de junho de 1614; sepultura de *Heitor Ribeiro* aos 19 de junho de 1594; sepultura de *Dioguo Martins Dordio* aos 4 de julho de 1593; sepultura do *Padre Manoel Fernandes Fraguoso Capellão que foi desta Santa Caza*, a 1 de junho de 1618; sepultura do *Padre Gaspar chainho*, aos 24 de abril de 1601³²; sepultura do *Padre Antonio Carvalho*, aos 4 de junho de 1601; sepultura de *Antonio dalmeida*, aos 2 de julho de 1611; sepultura do *Licenciado Estevão Nunnes Estasso*, aos 11 de abril de 1593³³; sepultura de *Bras Vidiagal*, aos 13 de junho de 1601; sepultura do *Licenciado Manoel Guomes prior de S. Pedro da guafanhueira*, aos 13 de junho de 1651; sepultura de *Antonio dias Morato e de seus erdeiros*, aos 13 de junho de 1651; sepultura do *Licenciado Jeronimo Coelho dOliveira que por sendo provedor da caza deu de esmolla dez mil reis*, aos 20 de junho de 1656³⁴; sepultura que comprou o *Capitão Mor Antonio Pires Godinho*, aos 15 de janeiro de 1711³⁵.

²⁹ ESPANCA, Túlio. “Misericórdia de Arraiolos”. In *A Cidade de Évora* n.ºs 51-52. Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo, 1968-69, pp. 123-127.

³⁰ /à margem/ Esta sepultura passou para o pe da porta principal à entrada, à direita junto à Pia da Agoa benta, em o dia 13 de Maio do anno de 1822 com consentimento da Mesa. Livro do *Tombo das Rendas e Cappellas da S. Cassa da Misericordia da Villa de Raiolos*, fl. 284

³¹ /à margem/ Esta sepultura passou por consentimento da Mesa, para o pe da porta principal, ao lado esquerdo: a primeira. Idem, fl. 284.

³² [...] devendo da Cova do ditto seu Irmão na qual tem hua campa de pedra mármore com seu litreiro do Meio da Igreja para cima aqual cova lhe tinhao ia dado avia três anos [...]. Idem fl. 289.

³³ [...] o provedor e mais Irmãos abaixo assinados lhe foi apresentada hua carta do Duque Dom Theodozio nosso Senhor em que mandou dar a esta caza des mil Reis a conta da cova em que esta enterrado o Licenciado estevão Nunnes estasso seu dembargador [...]. Idem, fl. 290.

³⁴ [...] pareceo o Licenciado Jeronimo Coelho doliveira vigário desta villa e provedor este prezente anno desta caza e pidio hua sepultura pera aver de se enterar elle e seus erdeiros e todos juntos en menza [...].

³⁵ [...] por parte do dito Antonio Pires Godinho foi dito ao dito provedor e mais irmaos que

Comprova-se o elevado estatuto social das pessoas e dos seus familiares, que obtiveram a autorização para se fazer sepultar na igreja da Casa da Misericórdia de Arraiolos. Da mesma forma, podemos avaliar a sua capacidade financeira para alcançarem um contrato com os artistas canteiros, ativos na região de Borba, Estremoz e Vila Viçosa, com seus telheiros, produzindo a encomenda tumular. Infelizmente, a investigação não obteve os nomes dos mestres canteiros, embora a nossa base de dados revele uma cronologia muito precisa com os nomes, encomendas e geografias a quem respondiam com os seus trabalhos. É um árduo trabalho de pesquisa que é necessário, através do cruzamento de várias fontes documentais para identificar a relação do encomendador com o mestre canteiro, para cada obra identificada. Nem todos os canteiros dominavam a arte de talhe da pedra, como se pode observar em algumas campas: por vezes o trabalho é grosseiro, denunciando falha, que poderá ser também justificada por uma relação negocial menos interessante para o mestre.

Notas finais

Tal como referido no início deste artigo, são parcas as informações sobre a história da Casa da Misericórdia de Arraiolos não existindo, até ao momento, uma monografia publicada, um estudo académico sistematizando os diversos períodos da sua evolução, continuando o seu acervo documental a necessitar de um tratamento arquivístico, e a faltar um inventário atualizado. O trabalho realizado deixou-nos algumas dificuldades para o integral cumprimento dos objetivos a que nos propusemos. No entanto, foi esta uma oportunidade para reunir a parca bibliografia dedicada a esta instituição, inventariar os elementos da “arquitetura dos mármore”, documentando a sua presença no espaço da igreja, e trazer à leitura uma área, quanto nós, pouco tratada pela historiografia, relacionada com o conjunto de placas tumulares, produzidas a partir dos recursos pétreos da região do Alentejo, em particular das pedreiras de Borba, Estremoz e Vila Viçosa. O conjunto de informações sobre as diversas tipologias de equipamentos marmóreos identificados, vão dar lugar, certamente num futuro próximo, à sua integração numa base de dados, com as descrições individuais para cada um dos equipamentos.

Motivados pelo trabalho realizado no espaço da Igreja da Misericórdia de Arraiolos, consideramos ser necessário retomar a investigação numa outra oportunidade, tendo em conta a importância dos mármore ali existentes, e o atual desconhecimento sobre a autoria das obras realizadas.

na igreja desta santa caza estava huma sepultura vaga a porta da igreja principal para o que dava a dita cova de esmolla doze mil reis a qual sepultura ficaria para seus erdeiros e desendentes se enterrarem [...]. Provedor o Licenciado Gaspar Barreto de Landim.

Consideramos ser necessário um trabalho de investigação multidisciplinar, alargado, uma vez que o número de exemplos com recurso ao mármore da região se multiplica, não só nas igrejas das Casas da Misericórdia, mas também um pouco por todos os lugares de culto da Igreja Católica, quer em Portugal quer na vizinha Espanha, entre os séculos XIV e XIX.

Finalmente, não podíamos deixar de apresentar os nossos agradecimentos ao Provedor Luís Marcolino Chinelo, e suas colaboradoras, pelo acolhimento e simpatia, facilitando a consulta no arquivo histórico e a oportunidade que nos deu para visitar as dependências da igreja da Misericórdia.

Fontes e Bibliografia

Fontes documentais

Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *Livro de Receita e Despesa do Hospital*, 1527-1528, s/n.º fls.

Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *L.º de Receita e Despesa da Mis.ª*, 1585-1586, fl. 59 e segs.

Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *L.º de Receita e Despesa da Mis.º*, 1587-1588.

Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *L.º de Receita e Despesa da Mis.ª*, 1593-1594, fl. 70 e segs.

Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *Lvº de Receita e Despesa da Mis.ª*, 1662-1663.

Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *Lvº de Receita e Despesa da Mis.ª*, ano de 1733-1740.

Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *Lvº de Receita e Despesa da Mis.ª*, ano de 1752-1753.

Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *Lvº de Receita e Despesa da Mis.ª*, 1776-1793.

Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *Livro do Tombo das Rendas e Capelas da Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos*, 1644.

Arquivo Histórico da Misericórdia de Arraiolos. *Livro das Visitações a Arraiolos*. Séculos XVI-XVIII.

Bibliografia

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. “Rituais fúnebres nas Misericórdias portuguesas de setecentos”. *Fórum* 41. Braga: Universidade do Minho, Conselho Cultural. 2007, pp. 5-22.

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8826/1/Rituais%20f%C3%BAnebres%20nas%20Miseric%C3%B3rdias%20portuguesas%20de%20Setecentos.pdf>

BRANCO, Cátia Cristino Correia Teles. “A sacristia e a encomenda episcopal portuguesa no período da reforma Católica: o caso da Sé de Coimbra e o patrocínio do bispo D. Afonso de Castelo Branco”. Tese de Doutoramento, Lisboa: FCSH – Universidade Nova de Lisboa. 2013.

BURGOS, André de, e Jofeph de Mello. *Constitvyções do arcebispado De Evora originalmente feitas por mandado do Illuftrifsimo & Reuerendifsimo fenhor dom Ioaõ de Mello Arcebifpo do dito Arcebifpado*. Madrid: Por Tomas Ivnti, Impreffor da Corte de fua Mageftade, 1622.

CARVALHO, Maria do Rosário Salema Cordeiro Correia de. *Por amor de Deus – Representação das Obras de Misericórdia, em painéis de azulejo, nos espaços das confrarias da Misericórdia, no Portugal setecentista*. Lisboa: Tese de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2007.

COSTA, J. Almeida e A. Sampaio e Melo. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 5.^a edição, Dicionários “Editora”. Porto: Porto Editora, 1977.

GOUVEIA, António Camões, David Sampaio Barbosa e José Pedro Paiva (coords.). *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos*. Estudos de História Religiosa 17. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa /Centro de Estudos de História Religiosa, 2014.

ESPANCA, Túlio. “Misericórdia de Arraiolos”. In *A Cidade de Évora* n.os 51-52. Évora: Boletim da Comissão Municipal de Turismo, 1968-69, pp. 123-127.

ESPANCA, Túlio. *Inventário artístico de Portugal: distrito de Évora, concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora e Vendas Novas*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, vol. 1, 1975.

FILIFE, Carlos. *A Misericórdia de Elvas: Memórias do século XX*. 1.^a ed. Elvas: Regiset Artes Gráficas, 2016.

FILIFE, Carlos; Maria João Pereira Coutinho; Patrícia Monteiro. *ARS MARMORIS. Equipamentos da Arquitetura Religiosa no Alto Alentejo*, (exposição virtual). 2021. www.marmore-cechap.pt.

FILIFE, Carlos; Maria João Pereira Coutinho e Patrícia Monteiro. “Los Mármoles del Alto Alentejo en el Patrimonio Religioso del Siglo XVIII”. In *La Piedra en el Patrimonio Monumental*, (coord. Eduardo Azofra Agustin). Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. 2022, pp. 191-203. <https://doi.org/10.14201/0BCL011191203>

FILIFE, Carlos; Maria João Pereira Coutinho e Patrícia Monteiro. “O apogeu do mármore no Alto Alentejo: equipamentos da arquitetura religiosa no século XVIII”. In *Mármore 2 000 anos de História. Contributo dos Mármore do Alentejo para afirmação das Artes*, AA. VV. (coord.), vol. III. Coimbra: Edições Almedina, 2022.

MALTA, João Baptista. “Filipe Lobo da Silveira e o rigor do Santo Ofício”. In *Revista Armas e Troféus*. IX. Lisboa: Revista de História, Heráldica, Genealogia e Arte, 2013.

MARQUES, João Francisco. “As formas e os sentidos” e “Rituais e manifestações de culto”. In *História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Carlos Moreira Azevedo (dir.). Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

- MENDES, Rui Manuel Mesquita. “Companhias de azulejadores e de pintores de azulejos activas em Lisboa entre 1757 e 1773: novos contributos para o estudo da produção de azulejos no período pombalino”. Lisboa: In *ARTISON* 6, 2018.
- PAIVA, José Pedro (coord.). *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*. Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, vol. 4, 2005.
- PINHO, Joana Balsa de. *As Casas da Misericórdia: as confrarias Da Misericórdia e a arquitetura portuguesa quinhentista* [Texto policopiado]. Lisboa: [s.n.] Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, 2012.
- RIGHETTI, Mario. *História de la liturgia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1955; ROCCA, Sandra Vasco, Natália Correia Guedes (coords.) *Thesaurus, Vocabulário de Objectos do Culto Católico*. Vila Viçosa-Lisboa: Fundação da Casa de Bragança e Universidade Católica Portuguesa, 2004.
- RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha. *Memorias da Villa de Arrayollos (1853-54)*. Vol. 1. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, 1983.
- SERRÃO, Vítor. “Uma obra desconhecida do Pintor Maneirista André Peres: As Tábuas do Antigo Retábulo da Misericórdia de Arraiolos (1603)”. *Callipole n.º 5/6 – Revista de Cultura*, Vila Viçosa: Câmara Municipal, 1998.
- VAVASSEUR, R. P. Le. *Ceremonial Romano*. Lisboa: Typographia do Diário da Manhã, 1884.



Fig. 1 – Igreja da Misericórdia de Arraiolos: CF – CECHAP



Fig. 2 – Igreja da Misericórdia de Arraiolos, frontispício: CF – CECHAP



Fig. 3 – Idem, friso de mármore, caveira e túbias: CF – CECHAP



Fig. 4 – Idem, friso de mármore, caveira e tíbias: CF – CECHAP



Fig. 5 – Idem, friso de mármore com inscrição, frontão angular: CF – CECHAP



Fig. 6 – Idem, friso de mármore com inscrição, frontão angular: CF – CECHAP



Fig. 7 – Idem, Igreja, interior, cobertura e arco triunfal: CF – CECHAP



Fig. 8 – Idem, tribunal de mesários e cadeira do provedor individual: CF – CECHAP



Fig. 9 – Idem, programa azulejar das paredes da nave: CF – CECHAP



Fig. 10 – Idem, retábulo tardo-barroco, painel da “Visitação”: CF – CECHAP



Fig. 11 – Idem, pintura, cobertura de abóbada de berço: CF – CECHAP



Fig. 12 – Idem, pinturas, cobertura da capela-mor: CF – CECHAP

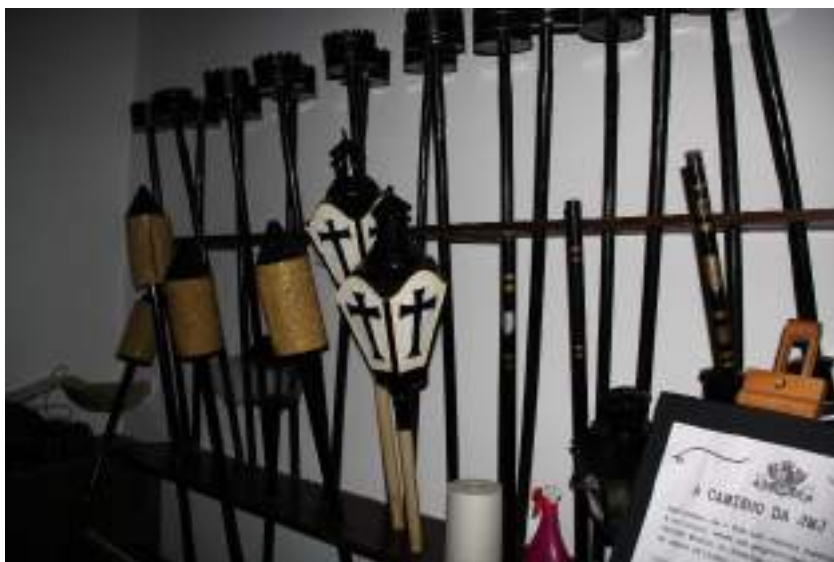


Fig. 13 – Idem, conjunto de candeeiros de varas dos oficiais: CF – CECHAP



Fig. 14 – Idem,
púlpito de mármore:
CF – CECHAP



Fig. 15 – Idem, livro das
Constituições da Arquidiocese
de Évora: CF – CECHAP



Fig. 16 – Idem, lavabo de mármore da sacristia: CF – CECHAP



Fig. 17 – Idem, pia de água benta em mármore: CF – CECHAP



Fig. 18 – Idem, pia de água benta em mármore: CF – CECHAP



Fig. 19 – Idem, pia de água benta em mármore: CF – CECHAP



Fig. 20 – SCMA, livro do Tombo das Rendas e Capelas: CF – CECHAP



Fig. 21 – Idem, Igreja da Misericórdia, tampa tumular: CF – CECHAP



Fig. 22 – Idem, tampa tumular:
CF – CECHAP



Fig. 23 – Idem,
tampa tumular:
CF – CECHAP